

Marcação de número e genericidade: interpretação genérica na aquisição do PB*

Marina R. A. Augusto

PUC-Rio/LAPAL/UERJ



ABSTRACT – The acquisition of bare nouns/DPs contrasts in BP is investigated. Recent studies have shown a preference for children’s interpreting plural nominals as generic in English, Spanish or Catalan. BP allows singular bare nouns with generic interpretation. Moreover, full DPs are ambiguous between a kind and an object interpretation. Experimental evidence is provided demonstrating that both bareness and plurality co-participate in the establishment of the generic/non-generic distinction, and that the specificity of bare nouns in BP regarding to generic interpretation is already perceived by the age of 5. The role of the availability of functional projections in relation to nominals is also discussed.

1 Introdução

Este artigo investiga o contraste entre DPs plenos e nomes nus (nomes sem determinante) na aquisição do P(ortuguês) B(rasileiro), particularmente, a possibilidade de interpretação genérica associada a esses nominais, isto é, o uso de nominais em referência a espécies e em generalizações acerca de classes de indivíduos.

Segundo Cohen (2004), a leitura genérica pressupõe um domínio de homogeneidade derivado da interpretação dos genéricos como

* Este artigo constitui o início da investigação acerca da aquisição da genericidade no PB, fazendo parte de um estudo mais amplo, conduzido pelo Grupo de Pesquisa do LAPAL – Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem da PUC-Rio, coordenado por Letícia M. Sicuro Corrêa, que tem como objetivo investigar a aquisição do DP no PB (CORRÊA, 2002; CORRÊA & NAME, 2003; NAME & CORRÊA, 2003; AUGUSTO & CORRÊA, 2005; CORRÊA, AUGUSTO & FERRARI-NETO, 2006; AUGUSTO, FERRARI-NETO & CORRÊA, no prelo).

juílgamentos de probabilidade e de seu uso para expressar regras *default*. O domínio da homogeneidade deve ser definido em relação a representações conceituais e, portanto, a interpretação de genericidade é dependente de questões cognitivas. Para Gelman & Raman (2003), o domínio da distinção genérico/não-genérico, no inglês, depende de múltiplas pistas lingüísticas e conceituais, dentre elas, pistas morfosintáticas, pragmáticas e de conhecimento de mundo. Em suma, a expressão de genericidade é dependente de questões cognitivas (semântica) e seu mapeamento por sobre padrões lingüísticos. No entanto, há possibilidades diversas de mapeamento de categorias sintáticas em tipos semânticos nas diversas línguas. Chierchia (1998) propõe um parâmetro semântico responsável por esse mapeamento, que busca abarcar a variação existente em relação à distribuição e interpretação de DPs plenos/nomes nus. A tipologia sugerida define três tipos de línguas: línguas como o chinês, línguas germânicas e línguas românicas. O PB, no entanto, não parece se encaixar nessa classificação (MUNN & SCHMITT, 2001, 2005; MÜLLER & OLIVEIRA, 2004).

No inglês, por exemplo, há um contraste claro entre sintagmas nominais plurais nus (sem determinante), de leitura genérica, (ver (1)) e sintagmas nominais plurais definidos que só admitem a leitura definida/referencial (2). No espanhol e em algumas outras línguas românicas, sintagmas nominais nus (3) não são permitidos em posição de sujeito. Sendo assim, os sintagmas nominais plurais definidos são ambíguos entre uma leitura genérica ou definida/referencial (4). Por outro lado, em posição de objeto, tanto no espanhol como no catalão, o contraste entre leitura genérica associada aos nominais nus (5) e leitura definida/referencial de sintagmas nominais plurais definidos (6) é inequívoca (exemplos extraídos de Pérez-Leroux, Munn, Schmitt & DeIrish (2004) e Gavarró, Pérez-Leroux & Roeper (2005)):

- | | |
|-----------------------------|-------------------------|
| (1) Zebras have stripes. | (√espécie) |
| (2) The tigers eat meat. | (√referencial/*espécie) |
| (3) *Cebras tienen rayas. | |
| (4) Los tigres comen carne. | (√referencial/√espécie) |
| (5) Busco sabates. | (√espécie) |
| (6) Busco les sabates. | (√referencial/*espécie) |

O português difere do espanhol e outras línguas românicas ao permitir sintagmas nominais plurais nus em posição de sujeito (7). O PB, no entanto, difere ainda do Português Europeu (PE) ao admitir também sintagmas nominais singulares nus de maneira

bastante expressiva na língua¹ ((8) e (9)). Apesar da ocorrência de nominais plurais nus na posição de sujeito, os sintagmas nominais plurais plenos são ambíguos entre leitura genérica ou definida (10). Na verdade, praticamente todos os tipos de DPs podem ser usados para a expressão de genericidade na língua (MÜLLER, 2002), admitindo-se, também, os singulares definidos (11) e os indefinidos (12), marginalmente.

- (7) Zebras têm listras. (PB/PE: $\sqrt{\text{espécie}}$)
 (8) Criança gosta de doce. (PB: $\sqrt{\text{espécie}}$)
 (9) *Criança gosta de doce. (PE)
 (10) Os tigres comem carne. (PB/PE: $\sqrt{\text{referencial}}/\sqrt{\text{espécie}}$)
 (11) O gato é traçoeiro. (PB/PE: $\sqrt{\text{referencial}}/\sqrt{\text{espécie}}$)
 (12) Um coelho precisa de cenouras. (PB/PE: $\sqrt{\text{referencial}}/\sqrt{\text{espécie}}$)

Há outros aspectos formais que podem contribuir para a distinção entre interpretação genérica ou não-genérica, como, por exemplo, contrastes de tempo/aspecto:

- (13) a. Os gatos são traçoeiros. ($\sqrt{\text{espécie}}$ preferencialmente)
 b. Os gatos eram traçoeiros. ($\sqrt{\text{referencial}}$ preferencialmente)

O tipo de predicado (episódico (*S-level*) ou permanente (*I-level*)) que se combina com o DP também contribui para o tipo de interpretação preferencial a ser atribuída. Nesse sentido, conhecimento de mundo desempenha um papel importante ao se relacionar uma propriedade, evento ou estado seja a indivíduos ou a espécies:

- (14) a. Os gatos são traçoeiros. ($\sqrt{\text{espécie}}$ preferencialmente)
 b. Os gatos têm olhos verdes. ($\sqrt{\text{referencial}}$ preferencialmente)

Em suma, vários aspectos contribuem para a obtenção do contraste entre leitura genérica ou definida/referencial, sendo, portanto, a genericidade muito mais uma propriedade da estrutura/sentença do que da semântica do DP. No caso dos DPs plenos, a leitura genérica implica que o artigo definido seja interpretado como um expletivo, semanticamente vazio e desprovido do traço de definitude/especificidade. Artigos definidos expletivos (PENNER, 1993; LONGOBARDI, 1994; PENNER & WEISENBORN, 1996) são usados para leitura genérica, como, por exemplo, no caso do DP definido singular, no inglês (15), ou para marcar unicidade (16):

¹ Os nomes nus podem apresentar leitura genérica ou existencial:

- (i) Há livros raros na Biblioteca.
 (ii) Tem criança brincando na cozinha.

- (15) The lion has four legs.
(16) The sun does not shine today.

Algumas línguas germânicas fazem uma distinção morfológica entre artigos definidos e artigos definidos expletivos.² O fato de haver leituras distintas mapeadas por sobre padrões morfológicos distintos possivelmente facilita a tarefa da criança. No caso da leitura genérica, por exemplo, a criança adquirindo o inglês deve restringir a leitura genérica a DPs plurais nus em contraste com os DPs definidos nus. O mesmo ocorre no caso do catalão em relação à posição de objeto. O PB, no entanto, apresenta características bem peculiares ao admitir a leitura genérica com praticamente todos os tipos de DPs e apresentar, adicionalmente, um tipo de DP – o singular nu – que admite a leitura genérica, embora não seja marcado para pluralidade.

Este artigo é parte de uma investigação mais ampla em andamento, conduzida pelo Grupo de Pesquisa do LAPAL, que tem como objetivo investigar a aquisição do DP no PB (CORRÊA, 2002; CORRÊA & NAME, 2003; NAME & CORRÊA, 2003; AUGUSTO & CORRÊA, 2005; CORRÊA, AUGUSTO & FERRARI-NETO, 2006; AUGUSTO, FERRARI-NETO & CORRÊA, no prelo). Reportam-se, aqui, os resultados de um primeiro experimento, em que se investiga a interpretação atribuída a DPs plenos e nomes nus no PB por crianças de 3 e 5 anos de idade. Na próxima seção, apresentam-se alguns resultados de testes de atribuição de leitura genérica ou referencial/definida aplicados a crianças falantes de inglês, espanhol e catalão e discutem-se as propostas dos autores no que tange ao desenvolvimento infantil em relação a esse aspecto. A seção 3 apresenta o *design* do experimento desenvolvido para a aplicação do teste de interpretação genérica/não-genérica a crianças falantes de PB, os resultados obtidos e a discussão desses. Por fim, a seção 4 oferece uma breve conclusão.

2 Interpretação genérica ou não-genérica na aquisição: alguns resultados

Pérez-Leroux, Munn, Schmitt & DeIrish (2004) examinaram o efeito da presença do determinante e de contrastes de tempo para a

² No frísio, há uma classe de artigos-D (*di, det, det* para os três gêneros no singular e o plural *dön* para todos os gêneros), que ocorrem com nominais específicos definidos singular ou plural, e uma classe de artigos-A (*a, at, at* no singular, *a* no plural), que ocorrem com nomes próprios e genéricos. No alto alemão e no alemão suíço (Bernese Swiss German), os artigos definidos expletivos sofrem cliticização.

interpretação genérica por crianças falantes de inglês e espanhol. Conforme já mencionado, o inglês atribui ao nominal plural nu a interpretação genérica, reservando para o nominal plural com determinante definido uma interpretação específica. O espanhol não aceita sintagmas nominais nus. Assim, o nominal plural com determinante definido pode apresentar uma leitura ou genérica ou específica nessa língua. O primeiro experimento conduzido contrastou, portanto, para o inglês, o plural nu (leitura genérica) e o plural definido (leitura específica) e, para o espanhol, o plural definido (leitura ou genérica ou específica) com o plural com demonstrativo (leitura específica). O experimento consistiu na apresentação de 8 histórias com dois membros atípicos de uma espécie (zebras com manchas, gatos que adoram tomar banho, tigres vegetarianos, macacos que preferem comer grama a bananas, etc) e um observador, membro de outra espécie. Perguntas do tipo sim/não sobre os personagens atípicos eram apresentadas às crianças. Respostas afirmativas a perguntas sobre propriedades canônicas da espécie e respostas negativas em relação às propriedades atípicas foram tomadas como indicativas da interpretação genérica do nominal.

Os resultados mostraram uma preferência pela interpretação dos plurais nominais como genéricos tanto no inglês como no espanhol. Sendo assim, evidencia-se, para o inglês, uma proporção alta de respostas equivocadas (leitura genérica), para o plural definido, nos dois grupos etários (4;5-6;0 e 6;5-7;3) – 70%. Para o espanhol, verificou-se uma preferência pela interpretação genérica do nominal plural com determinante – 80% a 95%, possível nessa língua, em contraste com um baixo percentual de respostas genéricas para o plural com demonstrativo, que só admite a leitura específica – 17% a 42%.

Frente à tendência pela leitura genérica do plural com determinante encontrada pelos autores tanto para o inglês quanto para o espanhol, um segundo par de experimentos foi aplicado, que visou verificar se as crianças seriam sensíveis às restrições impostas pelo tempo verbal à leitura genérica. A hipótese é de que as crianças apresentem taxas de erro reduzidas para as sentenças no passado, uma vez que este tem uma leitura episódica, forçando a leitura específica do sintagma nominal. Para o inglês, a proporção de respostas genéricas encontradas se mostrou realmente reduzida – 30% a 40%, mas não se constatou um efeito relacionado ao uso do presente *versus* passado. No espanhol, também se constatou uma diminuição geral de respostas genéricas, mas, em contraste com os resultados obtidos para o inglês, as crianças demonstraram, de

maneira estatisticamente significativa, discriminar entre as condições presente e passado no que diz respeito à restrição à interpretação genérica com esse último.

Em termos gerais, os autores atestam uma tendência para a interpretação de DPs plurais como genéricos nas duas línguas e notam que uma operação de restrição de leitura em determinada língua, isto é, no caso do inglês, o fato de que a presença de nominais nus na língua impede a leitura de DPs plenos como genéricos, não é imediata na aquisição, evidenciando que as crianças parecem ter uma noção clara do que é possível na língua, mas vacilam diante do que não é possível.

Gavarró, Pérez-Leroux & Roeper (2005) investigam o contraste entre nominais nus e DPs plenos em posição de objeto no catalão com crianças de 3 e 5 anos, tomando os adultos como grupo controle. Um efeito principal de idade foi constatado, sendo que as crianças mais novas se mostraram incapazes de distinguir entre nominais nus e DPs plenos. Esse resultado é apresentado como corroborando a idéia de que a gramática da criança é desprovida de projeções funcionais. Os autores defendem que uma teoria da economia favoreceria estruturas mínimas como estruturas *default* na aquisição. Em relação aos nominais, portanto, as crianças começariam com NPs em vez de DPs e a leitura genérica seria favorecida, embora pudesse ser pragmaticamente adaptada a outros usos (por *type-shifting*). As crianças seriam capazes de distinguir entre a referência específica e genérica ao adquirir as formas específicas na língua que favorecem a disambigüização. A forma mais econômica permaneceria relacionada ao significado *default*. Em termos gerais, portanto, os autores defendem que a sensibilidade das crianças à presença de morfemas (categorias funcionais) restringiria a abrangência do valor *default*, levando às distinções relevantes.

O problema que se coloca, no entanto, diz respeito ao fato de que nem sempre o mapeamento sintaxe/semântica é biunívoco em todas as línguas ou em todos os contextos. O contraste claro entre nominais plurais nus e DPs definidos em posição de sujeito, no inglês, e de objeto, no catalão, não é operativo no PB, uma vez que os DPs plenos também podem receber a leitura genérica. Outro ponto questionável é o fato de se assumir que os nominais nus sejam projeções do tipo NP. Estes podem ser considerados projeções de NumP – uma categoria funcional (SCHMITT & MUNN, 2000; DEPRez, 2005; AUGUSTO, FERRARI-NETO & CORRÊA, no prelo).

Outro fator que deve ser considerado na investigação do contraste entre DPs plenos e nominais nus é o fato de haver línguas em que são admitidos também nominais nus singulares com leitura

genérica, como no PB. Essa característica é investigada por Lopes (2004, 2006) na aquisição do PB em dados longitudinais de 2 crianças (1;8 a 3;7 anos). A autora encontra primeiramente nomes nus associados à leitura existencial. A leitura genérica atribuída a nomes nus se mostra mais consistente por volta dos 3 anos de idade. A fim de ter uma idéia mais clara acerca da interpretação atribuída a nominais nus singulares, a autora aplica um teste de julgamento de gramaticalidade em que observa a aceitabilidade de retomada do nominal nu singular por anáfora singular ou plural:

(17) Jogador é chato! Ele/eles tem medo de voar.

Ambas anáforas são aceitas pelas crianças, embora haja uma preferência pela anáfora plural. Segundo a autora, somente a criança mais velha (3,11) rejeitou a anáfora singular em todas as respostas.

Vale salientar, em relação ao PB, que dados de produção evidenciam que a criança pode fazer uso de um nominal nu singular com valor de DP pleno, nos primeiros momentos da aquisição. A partir do estudo de Lopes (2006), tem-se, adicionalmente a constatação de que o uso adequado de nomes nus surge primeiramente com a leitura existencial e, mais tardiamente, com a genérica. Por fim, os testes aplicados revelam que até por volta do fim do quarto ano de vida, ainda há uma dificuldade em admitir a retomada do nominal nu singular por anáforas plurais.

Em síntese, os resultados reportados sugerem que a presença/ausência do determinante e marcas de pluralidade são fatores relevantes para a obtenção do contraste entre leitura genérica/leitura definida na aquisição. Por um lado, dados de compreensão sugerem que a leitura genérica é mais abrangente, podendo ser restringida por fatores adicionais como contrastes de tempo/aspecto. Essa abrangência pode ser resultado de interferência de conhecimento de mundo, uma vez que os testes remetem a propriedades típicas relacionadas aos personagens apresentados. Por outro lado, os primeiros dados acerca do PB sugerem haver uma possível dificuldade relacionada ao nominal nu singular, particular na língua. Os resultados a serem apresentados a seguir constituem mais uma contribuição para o estudo do fenômeno.

3 Experimento de compreensão: PB

O experimento aqui reportado teve como objetivo verificar o tipo de leitura atribuída – genérica ou referencial/definida – a DPs plenos ou nominais nus por crianças falantes de PB de 3 e 5 anos de idade. Tivemos a preocupação de minimizar a interferência de

conhecimento de mundo na atribuição da leitura ao DP. Para tanto, diferentemente dos experimentos já reportados, foram utilizados personagens/criaturas inventadas às quais se atribuíram pseudônimos a fim de evitar que as crianças pudessem lançar mão de conhecimento de mundo, em relação a entidades familiares e suas características prototípicas, no momento de interpretação da sentença. Informação pragmática, no entanto, foi manipulada em termos do número de figuras inventadas presentes: uma única figura ou múltiplas figuras do mesmo personagem. Em relação à informação estrutural, manipularam-se os tipos de DPs utilizados na apresentação do personagem inventado. Utilizou-se uma tarefa de eliciação de respostas para perguntas do tipo sim/não. O personagem inventado é apresentado à criança, chamando-se a atenção para uma de suas propriedades. Em seguida, apresenta-se uma outra figura com o mesmo tipo de personagem inventado para o qual a propriedade anteriormente salientada está mascarada. A criança deve responder se esse segundo personagem apresenta a propriedade mencionada (veja *Material* para maiores detalhes). As seguintes variáveis independentes são manipuladas: *Tipo de DP*: definido ou nu; *Número do DP*: singular ou plural; *Número de figuras*: única ou múltipla (pista contextual). DPs com determinante demonstrativo são usados como controle, já que, em PB, admitem apenas a leitura definida. A variável dependente é o número de respostas SIM. A criança responde a perguntas do seguinte tipo: *Será/Vc acha que esse **tobe** (nome inventado) tem três pernas (propriedade salientada)?* O quadro a seguir apresenta as respostas-alvo para as diferentes condições utilizadas no experimento:

QUADRO 1 – Respostas-alvo para as diferentes condições.

Figura Única	Figuras Múltiplas
<i>Tobe tem três pernas. (Y)</i>	<i>Tobe tem três pernas. (Y)</i>
<i>Bidas têm orelhas peludas. (Y)</i>	<i>Bidas têm orelhas peludas. (Y)</i>
<i>O puca tem bigode. (N/Y)</i>	<i>O puca tem bigode. (Y)</i>
<i>Os lecas usam óculos escuros. (Y)</i>	<i>Os lecas usam óculos escuros. (N/Y)</i>
<i>Esse dafe tem um laço no cabelo. (N)</i>	<i>Esses dafes têm um laço no cabelo. (N)</i>

Conforme já foi mencionado, alguns tipos de DPs no PB são potencialmente ambíguos, uma vez que admitem tanto a leitura genérica quanto a referencial/definida. Essa possibilidade está contemplada, no experimento, pela presença dos DPs plenos com determinante definido em contraste, por um lado, com os nominais

nus, que só admitem a leitura genérica e, por outro, com os demonstrativos que tipicamente apresentam a leitura referencial. Para esses DPs, portanto, esperou-se que o viés pragmático pudesse contribuir para a preferência de interpretação. Sendo assim, na presença de uma figura única, espera-se que o DP singular definido receba preferencialmente uma leitura referencial/definida, enquanto que na presença de múltiplas figuras, essa expectativa recai sobre os DPs plurais definidos.

O experimento teve como objetivos verificar: (a) se pluralidade contribuiu para a interpretação genérica; (b) se o viés contextual/pragmático – figura única ou múltiplas figuras – contribuiu para a interpretação genérica e se, nas condições ambíguas, é levado em conta, e (c) se as crianças falantes de PB distinguem entre as formas na língua que admitem leitura genérica ou definida/referencial.

Tem-se, assim, as seguintes previsões: (a) se pluralidade está associada à genericidade, espera-se um maior número de respostas SIM para os DPs plurais, independentemente do tipo de DP; (b) se o viés contextual interfere na obtenção da leitura genérica/referencial, espera-se um maior número de respostas SIM nas condições em que se tem múltiplas figuras; adicionalmente, em relação aos DPs plenos definidos, que são potencialmente ambíguos, espera-se que o viés contextual contribua para a preferência de interpretação, (c) se a distinção entre nominais nus (somente leitura genérica) e demonstrativos (somente leitura referencial) estiver operativa na criança, espera-se uma concentração de respostas SIM para os nominais nus e de respostas NÃO para os demonstrativos.

3.1 Método

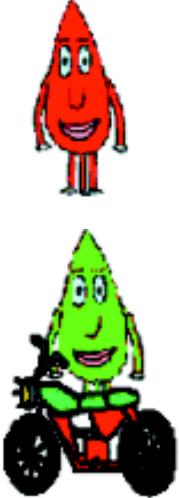
Participantes:

Foram testados 45 crianças e 20 adultos, tomados como controle. As crianças subdividiram-se em dois grupos etários: 21 crianças de 3 anos (entre 2;7 e 3;11, média 3;0), sendo 10 meninas, e 24 crianças de 5 anos (entre 4;7 e 5;10, média 5;1), sendo 13 meninas, todas moradoras do Rio de Janeiro. Os adultos testados, também moradores do Rio de Janeiro, tinham formação superior ou eram universitários.

3.2 Material

O material utilizado consistiu de 6 listas contendo 19 estórias: 2 pré-testes e 2 ocorrências de cada condição em função do *tipo de DP* e *Número do DP*, além de 7 distratoras e 2 ocorrências com demonstrativos. Para cada estória, criou-se um *slide* em *power-point*.

A ordem de apresentação das estórias em cada lista foi parcialmente randomizada, evitando-se que duas estórias com a mesma condição fossem apresentadas sucessivamente. Utilizaram-se um computador portátil *Toshiba* e folhas de respostas para anotação. A seguir, apresenta-se um exemplo de uma das estórias:



Olha só o que temos aqui! É um tobe. Ih, presta atenção! **Tobe** tem três pernas. Você sabia? É isso: **tobe** tem três pernas.

Agora vamos ver o que tem atrás dessa caixa (o segundo personagem é descoberto) ...

Veja! É um tobe atrás da moto!

Agora vou te perguntar uma coisa...

Pergunta:

Você acha que **esse tobe** tem três pernas?

....

Vamos ver? (a moto se move e desaparece)
Olha só!/ Veja só!

Figura 1. Exemplo de estória-teste.

3.3 Procedimento

As crianças são submetidas ao experimento na própria escola, sendo convidadas a participar de um jogo de computador. A aplicação é individual e ocorre em uma sala isolada, disponibilizada pela escola. A sessão se inicia pelo pré-teste. Somente as crianças que demonstrem ter compreendido a tarefa, fornecendo respostas adequadas do tipo sim/nao às perguntas, prosseguem sendo testadas. Para cada estória, apresentam-se, na tela do computador, duas imagens organizadas em sucessão, que aparecem dividindo a tela horizontal ou verticalmente. A primeira figura, nas condições-teste, traz o personagem inventado (ou uma figura única ou múltiplas figuras, de acordo com a lista), acompanhado de um texto introdutório de apresentação do personagem e no qual uma característica deste é salientada. A segunda figura apresenta um outro personagem do mesmo tipo, no qual a característica salientada a partir da primeira apresentação do personagem está mascarada.

A apresentação dessa segunda figura é acompanhada pela pergunta-teste. A resposta da criança é anotada na folha de respostas pelo experimentador e encorajam-se as crianças a prosseguirem com a brincadeira, independentemente da correção da resposta. O procedimento dura de 8 a 10 minutos.

3.4 Resultados e discussão

Os dados obtidos foram analisados por meio de uma ANOVA 2X2 (*Tipo de DP* e *Número do DP*), tendo como fatores grupais *idade* (3 e 5 anos e adultos) e *contexto* (figura única ou múltipla). Obteve-se um efeito principal de *Tipo de DP* ($F(1,59) = 6,53$ $p = .0132$) (médias: 1,7 para nus e 1,5 para definidos), a partir do qual se constata que a interpretação genérica é atribuída com maior frequência aos nominais nus. Obteve-se, ainda, um efeito principal de *Número do DP* ($F(1,59) = 7,64$ $p = .0076$) (médias: 1,53 para o singular e 1,7 para o plural), que aponta para a preferência em atribuir a leitura genérica aos nominais plurais, confirmando-se a previsão (a).

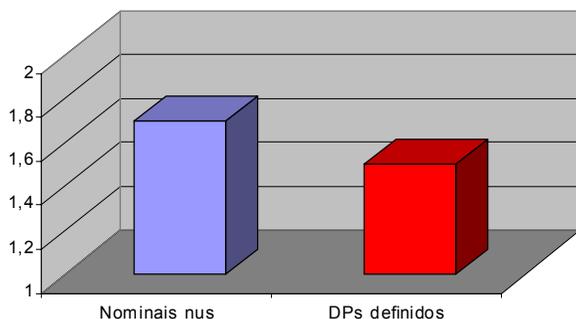


GRÁFICO 1 – Médias das respostas em função do Tipo de DP.

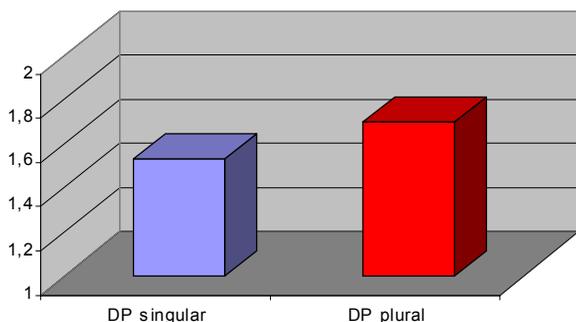


GRÁFICO 2 – Médias das respostas em função do Número do DP.

Uma segunda rodada, em que se excluiu o grupo controle dos adultos, traz um quadro levemente distinto. O efeito principal de *Tipo de DP* ($F(1,41) = 6,17$ $p = .0172$) (médias: 1,65 para nus e 1,47 para definidos) se mantém, mas *Número do DP* deixa de ser significativo ($F(1,41) = 3,19$ $p = .0814$), embora esteja próximo do nível de significância.

Não se obteve, em nenhuma rodada, efeito relacionado a *idade* ou *contexto pragmático*, nem efeitos de interação entre as condições. A previsão (b) não foi, portanto, confirmada, ou seja, o fato de haver múltiplas figuras no contexto de apresentação dos personagens não é, por si só, fator que determine a leitura genérica. Em relação ao papel disambiguizador do contexto pragmático no que diz respeito a preferências de interpretação para DPs definidos, uma observação qualitativa dos dados se faz necessária. No que tange à previsão (c), em que se contrasta leitura genérica, associada aos nominais nus, e leitura referencial/definida, possibilidade única para os DPs com demonstrativos, os resultados de testes-*t post-hoc* serão apresentados.

A fim de se ter uma visão geral do comportamento dos sujeitos frente às condições testadas, apresentam-se os gráficos a seguir que trazem os percentuais de atribuição de leitura genérica às diferentes condições, subdivididos de acordo com o contexto pragmático, e discriminados em função da idade:

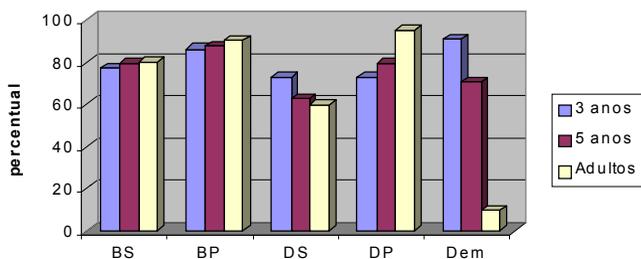


GRÁFICO 3 – Distribuição das respostas em função da idade (figura única).

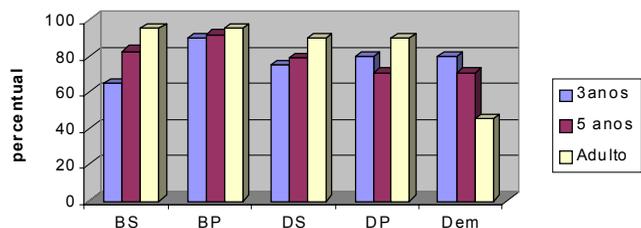


GRÁFICO 4 – Distribuição das respostas em função da idade (figuras múltiplas).

A primeira observação a ser feita diz respeito ao alto percentual de respostas de leitura genérica encontrado. Pode-se observar nos gráficos acima que o percentual de leituras genéricas só é inferior a 50% na presença de DPs demonstrativos, nas respostas dos adultos. Os testes-t *post-hoc* conduzidos apresentam os contrastes relevantes.

TABELA 1 – Testes-t post hoc.

	3 anos	5 anos	Adultos
Nome nu sing. × Demonstrativo	Td.f. (19) = 1,5244 p = .143	Td.f. (22) = 1,1881 p = .247	Td.f. (18) = 8,3446 p < .0001
Nome nu pl. × Demonstrativo	Td.f. (19) = 0,3456 p = .733	Td.f. (22) = 2,4664 p = .021	Td.f. (18) = 5000000 p < .0001
DP sing. × Demonstrativo	Td.f. (19) = 2,9877 p = .096	Td.f. (22) = 1,4904 p = 1	Td.f. (18) = 956,807 p < .0001
DP pl. × Demonstrativo	Td.f. (19) = 1,7997 p = .213	Td.f. (22) = 0,7356 p = .538	Td.f. (18) = 5251,169 p < .0001

O contraste entre nominais nus ou DPs definidos com os demonstrativos é significativo para os adultos. Em relação às crianças, esse contraste só se mostra relevante em relação ao grupo etário mais velho no que diz respeito aos nominais nus plurais e os demonstrativos, sendo que aos primeiros é atribuída a leitura genérica mais frequentemente. Sendo assim, pode-se afirmar em relação à previsão (c) – distinção entre nominais nus (somente leitura genérica) e demonstrativos (somente leitura referencial) – que esse contraste, bastante claro para os adultos, ainda não está operativo para as crianças de 3 anos, começando a se fazer presente na faixa etária dos 5 anos.

Em relação aos DPs definidos que também podem receber leitura genérica, observa-se que o contexto pragmático desempenha papel relevante no que diz respeito ao DP definido singular no contexto de figura única, somente para os adultos. Os testes-t *post-hoc* conduzidos apresentam os contrastes relevantes:

TABELA 2 – Testes-t post hoc.

	3 anos	5 anos	Adultos
DP sing. × DP pl. (contexto único)	72% - 72% p = 1	62% - 79% p = .3049	60% - 95% p = .001
DP sing. × DP pl. (contexto múlt.)	75% - 80% p = .5910	79% - 70% p = .5035	90% - 90% p = 1

A ausência de efeito principal relacionado ao *Número de Figuras* e os resultados do teste-t acima mostram que as crianças não contam com a pista contextual, embora essa seja relevante para os adultos no contexto do DP singular e figura única. Esses resultados sugerem que o desenvolvimento implica a criança reconciliar pistas linguísticas e contextuais para a interpretação de DPs potencialmente ambíguos.

Vale, ainda, salientar uma distinção encontrada. As crianças de 3 anos mostram um contraste próximo da significância entre nominais nus singular e plural, diferentemente das crianças de 5 anos que, assim como os adultos, não fazem essa distinção, ou seja, para as crianças menores, pluralidade está associada à genericidade e a peculiaridade do PB em relação ao nominal nu singular que apresenta leitura genérica ainda não é reconhecida.

TABELA 3 – Testes-t post hoc.

	3 anos	5 anos	Adultos
Nome nu sing. × Nome nu pl.	T.d.f. (19) = 1,8176 p = .084	T.d.f. (22) = 1,1665 p = .255	T.d.f. (18) = 0,6839 p = .502

Os resultados sugerem, portanto, que a especificidade do uso de nominais nus no PB com leitura genérica só é percebida pelas crianças do grupo mais velho. As crianças mais novas atribuem leitura definida ao nominal nu singular.

Em suma, os resultados permitem afirmar que a dificuldade da criança reside justamente na obtenção da leitura definida. O fato de personagens inventados com pseudo-nomes terem sido utilizados não parece ter facilitado a tarefa, evitando que as crianças usassem conhecimento de mundo em relação a propriedades prototípicas que se estenderiam a outros indivíduos da espécie. O uso de predicados permanentes (*individual level*) neste estudo, assim como nos anteriores já reportados, pode, adicionalmente, ter contribuído no sentido de desfavorecer a interpretação referencial/definida dos DPs plenos.

4 Considerações finais

Este estudo investigou a aquisição do contraste DPs plenos/nomes nus no PB. Estudos recentes mostraram uma preferência de interpretação genérica de nominais plurais por crianças falantes de inglês, espanhol ou catalão. O PB apresenta uma característica

peculiar em relação a esse contraste ao admitir, além de nominais nus plurais, também nominais nus singulares com leitura genérica. Adicionalmente, DPs plenos podem admitir a leitura definida/referencial ou a leitura genérica. Na língua, a grande maioria dos nominais são aceitos para a expressão da genericidade.

O experimento conduzido com crianças de 3 e 5 anos e adultos, usados como grupo controle, fez uso de personagens inventados e pseudo-nomes e contrastou DPs plenos definidos e nominais nus, utilizando ainda DPs demonstrativos como controle. Embora tenha havido altos percentuais de leitura genérica, os resultados sugerem que o tipo de DP – pleno ou nu – e o número do DP – pluralidade – são fatores relevantes no estabelecimento da distinção genérico/não-genérico, embora esse último fator não tenha se mostrado significativo quando os dados das crianças são avaliados isoladamente. As crianças de 5 anos começam a se mostrar sensíveis ao contraste entre nominais nus e demonstrativos e não fazem distinção entre os nominais nus plurais e singulares, diferentemente das crianças de 3 anos, que atribuem maior percentual de leitura definida/referencial ao nominal nu singular. Em relação aos DPs plenos, estes também recebem alto índice de leitura genérica e a pista pragmática/contextual, relevante para os adultos, ainda não se mostra operativa nas crianças, sugerindo que o desenvolvimento contribuirá para que a criança passe a conciliar pistas lingüísticas e contextuais para a interpretação de DPs potencialmente ambíguos.

Vale salientar que o comportamento da criança em relação ao mapeamento entre categorias sintáticas e semânticas não parece ser dependente da disponibilidade de projeções funcionais, mas antes da atribuição de traços relevantes às projeções (AUGUSTO, neste volume). A sensibilidade a categorias funcionais demonstrada por crianças de tenra idade (SHADY, 1996; HÖHLE, BLEN & SEIDL, 2002; CORRÊA & NAME, 2003; CORRÊA, AUGUSTO & FERRARINETO, 2006) sugere que o reconhecimento dessas categorias – como o determinante – por exemplo, na língua se dá antes que o conjunto de interpretações, que podem depender de vários fatores (lingüísticos, semânticos/contextuais e até mesmo de conhecimento de mundo), associado à sua presença seja delimitado. Definir que tipo de informação é efetivamente mapeada como traço formal da língua e o que depende de interação entre interpretação semântica lexical conjugada àquela decorrente de estruturação sintática pode melhor retratar as distinções de percepção apresentadas pelas crianças. No caso do PB, por exemplo, número parece exercer um papel bastante peculiar em relação aos nominais. No que diz respeito aos nominais nus, tem-se defendido que estes são subespecificados para número

(LOPES, 2004). Informação pertinente a número, no entanto, pode estar associada a uma projeção funcional específica – NumP (AUGUSTO, FERRARI-NETO & CORRÊA, no prelo). Nesse sentido, não seria defensável equivaler nominais nus a NPs e não faria sentido descrever a gramática inicial da criança como desprovida de categorias funcionais. Acreditamos que investigações adicionais permitirão que essas questões sejam tratadas a partir de evidências experimentais mais abrangentes e seguras.

Referências

AUGUSTO, M. R. A. Dados de percepção/compreensão e de produção na aquisição: representações gramaticais distintas? Texto apresentado no ENAL 2006. (neste volume)

AUGUSTO, M. R. A.; CORRÊA, L. S. Marcação de gênero, opcionalidade e genericidade: processamento de concordância de gênero no DP aos dois anos de idade. *Revista Lingüística*, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 1, 2005.

AUGUSTO, M. R. A.; FERRARI-NETO, J.; CORRÊA, L. S. Explorando o DP: a presença da categoria NumP. *Revista de Estudos Lingüísticos*, Belo Horizonte: UFMG. (no prelo).

CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, n. 6, p. 339-405, 1998.

COHEN, A. Generics and mental representations. *Linguistics and Philosophy*, v. 27, n. 5, p. 529-556, 2004.

CORRÊA, L. S. Delimitação de categorias lexicais na aquisição da linguagem e um instrumento para a avaliação do comprometimento do léxico no quadro do DEL (Déficit Especificamente Lingüístico) e de deficiências refletidas na linguagem. Processo Faperj, Programa “Cientistas do nosso estado”, Rio de Janeiro, 2002.

CORRÊA, L. M. S.; NAME, M. C. L. The Processing of Determiner-Noun Agreement and the identification of the gender of Nouns in the early acquisition of Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 2, n. 1, p. 19-43, 2003.

CORRÊA, L. S.; AUGUSTO, M. R. A.; FERRARI-NETO, J. The early processing of number agreement in the DP: evidence from the acquisition of Brazilian Portuguese. In: BAMMAN, D.; MAGNITSKAIA, T.; ZALLER, C. (Ed.). *BUCLD 30 Proceedings Supplement*, 2006.

DEPREZ, V. Morphological number, semantic number and bare nouns. *Lingua*, n. 115, p. 857-883, 2005.

GAVARRÓ, A.; PÉREZ-LEROUX, A.T.; ROEPER T. Definite and bare noun contrasts in child Catalan. Submitted to: TORRENS, V.; ESCOBAR, L. (Ed.). *The romance turn*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

GELMAN, S.; RAMAN, L. Preschool children use linguistic form class and pragmatic cues to interpret generics. *Child Development*, v. 74, n. 1, p. 308-325, 2003.

- HÖHLE, B., BLEN, L.; SEIDL, A. Recognition of phrases in early language acquisition: the role of morphological markers. *BUCLD 27 Proceedings of the 27th Annual Boston University Conference on Language Development*. 2002. p. 138-149.
- LONGOBARDI, G. Reference and Proper Names: a theory of movement in syntax and LF. *Linguistic Inquiry*, v. 25, p. 609-665, 1994.
- LOPES, R. Estágios no processo de aquisição de número no DP do português brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 39, n. 3, p. 157-171, 2004.
- LOPES, R. Bare Nouns and DP number agreement in the acquisition of Brazilian Portuguese. In: SAGARRA, N.; TORIBIO, A. J. (Ed.). *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*. Cascadilla, MA. 2006.
- MÜLLER, A. Genericity and the Denotation of Common Nouns in Brazilian Portuguese. *D.E.L.T.A.*, São Paulo: PUCSP, v. 18, n. 2, p. 287-308, 2002.
- MUNN, A.; SCHMITT, C. Bare nominals and the morpho-syntax of number. In: D. CRESTI, D.; SATTERFIELD, T.; TORTORA, C. (Ed.). *Current issues in romance linguistics. Selected papers from the XXIX Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)*, April 1999, Ann Arbor. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 217-231.
- MUNN, A.; SCHMITT, C. Number and indefinites. *Lingua*, n. 115, p. 821-855, 2005.
- NAME, C.; CORRÊA, L. M. Delimitação perceptual de uma classe correspondente à categoria funcional D: evidências da aquisição do português. *Fórum Lingüístico*, v. 3, n. 1, p. 55-88, 2003.
- PENNER, Z. The earliest stage in the acquisition of the Nominal Phrase in Bernese Swiss German: Syntactic bootstrapping and the architecture of language learning. *Arbeitspapier*, Universität Bern, Institut für Sprachwissenschaft, n. 30, 1993.
- PENNER, Z.; J. WEISENBORN, J. Strong continuity, parameter setting and the trigger hierarchy: On the acquisition of the DP in Bernese Swiss German and High German. In: CLAHSSEN, H. (Ed.). *Generative perspectives on language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 161-200.
- PÉREZ-LEROUX, A. T.; MUNN, A.; SCHMITT, C.; DEIRISH, M. Learning definite determiners: genericity and definiteness in English and Spanish. *Supplementary proceedings of the Boston University Conference on Language Development – BUCLD*, 2003.
- SCHMITT, C.; MUNN, A. Bare nominals, morphosyntax, and the nominal mapping parameter. Michigan State University, 2000. Disponível em: <overcite.lcs.mit.edu/schmitt00_bare.html>.
- SHADY, M. *Infants' sensitivity to function morphemes*. 1996. PhD Dissertation at Univ. Buffalo.

Aula Inaugural

Ir. Elvo Clemente

No dia 16 de agosto de 2006 realizou-se a Aula Inaugural do 2º semestre da Faculdade de Letras da PUCRS, com a participação da Academia Rio-Grandense de Letras, em homenagem ao 1º Centenário de nascimento do Poeta Mario Quintana.

Às 16h30min a sala 305 do prédio 8 da Cidade Universitária estava repleta de professores, alunos e membros da Academia: Betty Borges Fortes, Amir Feijó Pereira e Sergio Borja.

A Diretora da Faculdade, Profa. Maria Eunice Moreira abriu a sessão, explicou o porquê da realização da homenagem conjunta Academia/Faculdade, proposta pela presidência a primeira.

Irmão Elvo Clemete, presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, agradeceu a oportunidade de realizar um ato conjunto com a Faculdade de Letras, em homenagem ao Poeta Centenário, Doutor Honóris Causa da Universidade. Começou a palestra sob a epígrafe de O UNIVERSO DE MÁRIO QUINTANA. Durante 20 minutos perambulou pela Rua dos Cataventos, mostrando a beleza dos sonetos escritos até 1936 e publicados pela Editora Globo em 1940. Mostrou como o poeta interpretou a vida, os ambientes de uma Porto Alegre, que existiu viva no alegretense em pleno vigor, sonhando com a morte, nas tristezas da existência marcada pela obra de Antônio Nobre.

O jornalista Luiz Antônio Duarte, assessor de comunicação da Universidade, leu o texto escrito pelo acadêmico Walter Galvani, retido em sua casa por forte gripe. O texto, lido com tranqüilidade mostrou a vida, as atitudes de Mário Quintana como funcionário do Correio do Povo, contratado pelo Diretor-Presidente da Companhia Jornalística Caldas Junior. Viu-se o poeta com seus aspectos humanos, sociais e políticos de bom colega e de cidadão.

Luiz Antônio de Assis Brasil, vice-diretor da Faculdade e membro da Academia Rio-Grandense de Letras, examinou com maestria como é que a crítica e os estudiosos encararam Mario Quintana, ressaltando o lado pessoal, mais estudo do poeta que da obra do Poeta. Convidou os colegas e alunos a aprofundarem a perquirição dos poemas, para penetrar-lhes o segredo de sua genialidade. Ao findar a Diretora enalteceu a participação da Academia Rio-Grandense de Letras na AULA INAUGURAL. Nilva Ferraro recitou três haicais em honra do Poeta.

Profa. Ruth Telles de voz inflamada e inspirada declamou poema de Mário Quintana e de Cecília Meireles, emocionando a assembléia.

Com isso o Poeta foi homenageado em prosa e verso com Aula Inaugural da Faculdade de Letras em união com a Academia Rio-Grandense de Letras.
